

Pequeno dicionário de expressões brasileiras: E-V

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta – como parte de um futuro Dicionário – notas e comentários a algumas gírias e expressões idiomáticas brasileiras (de E a V), buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: gíria brasileira. expressões idiomáticas brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents (as part of a coming book) some entries of a Dictionary (with notes and comments) of Brazilian slang and idioms (E-V) on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Expressões brasileiras e seu surgimento na imprensa

Este artigo, parte II de outro estudo publicado neste mesmo volume, é também amostra do que será um livro, um Dicionário, para o qual agradeço antecipadamente as sugestões e críticas dos leitores.

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de preciosos periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real.

Os comentários a cada expressão procuram evidenciar a dinâmica da língua, como realidade viva, como mostramos – a Profa. Dra. Silvia Gasparian Colello e eu – em estudo específico: “A dinâmica da língua e suas tendências de evolução” (<http://www.hottopos.com/isle36/SilviaJean.pdf>). Uma mais extensa “parte” de nosso Dicionário já foi publicada em: <http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf> e um complemento em: <http://www.hottopos.com/rih52/29-38JL.pdf>.

Certamente, estou ciente do fato de que a datação de surgimento de uma expressão por meio de jornais e revistas envolve um grau de imprecisão, sobretudo em se tratando de gírias (que nem sempre têm lugar na imprensa “séria” – embora contemos também com revistas satíricas, jornais de esportes, enfim, de periódicos mais “descontraídos”).

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

E

Elevador... (...electrico)

A primeira e única referência a elevador em edifícios no séc XIX (na BN) é em um relato de viagem à Europa (“Cidade do Rio”, 24-11-1890) de Olavo Bilac, deslumbrado com as novidades que vivenciou em Londres:

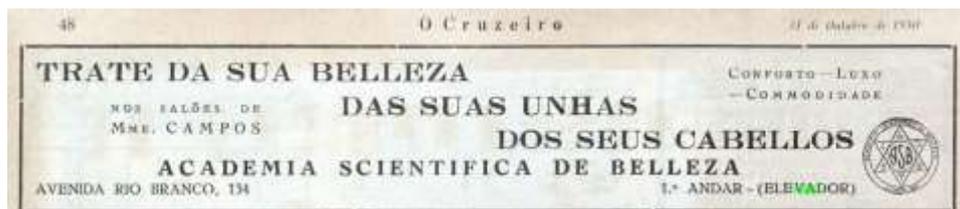
E não sei que inexprimível sensação de bem-estar, de conforto, de felicidade, se me espalhou voluptuosamente por toda a alma, quando me vi n’um largo quarto, tepido, do quinto andar do hotel, para onde um elevador electrico me tinha levado em menos de quatro segundos.

A partir de 1906, a imprensa anuncia orgulhosos edifícios com elevador, misto de luxo e modernidade, mas também de perigo de acidentes. Assim, “O Seculo” (13-12-1906), entre as notícias vindas da Argentina informa: “Em Rosario de Santa Fé incendiou-se o elevador electrico”.

O medo. Ainda em 1930, na revista “O Cruzeiro” (RJ, 05-07-1930), em crônica sobre o cabaré *Le Lido*, o articulista relata que senhoras por medo de mal funcionamento, não utilizam o elevador e preferem descer a grande escadaria. Nesse mesmo ano, a mesma revista (01-11-1930), relata os avanços tecnológicos dos elevadores, com o advento dos arranha-céus americanos. Surgem os novos botões de chamada e controle, que tornam:

o papel do cabineiro [ascensorista] de pouca ou nenhuma utilidade, ali estando unicamente, por assim dizer, para “fazer presença”... Não tardará muito para que essa profissão de cabineiro de elevador desapareça por completo (...) chegando-se a concluir que a unica razão pela qual nelles [elevadores] figura um cabineiro é mais devido as apreensões dos passageiros do que por qualquer necessidade mecanica.

O luxo. Se outros meios de transporte, os de longostrajetos, como a diligência (em sua época), o trem e o avião (e nem é necessário falar dos cruzeiros marítimos...), apostavam no conforto/luxo e no requintado serviço de bordo; os poucos segundos que se passam no elevador são – quando de seu surgimento – um imenso conforto e símbolo de status de quem o proporciona: firmas, hotéis, lojas etc. Um exemplo interessante é o da “Academia Scientifica de Belleza” de Lisboa, que abre filial no Rio, em 1923, com Mme. Campos e, desde seus começos investe no status do elevador (mesmo instalada no 1º. andar) para atrair suas grã-finas freguesas: “conforto, luxo, commodidade”:





<https://robbreport.com/travel/destinations/100-years-of-air-travel-british-airways-2847416/>



Sala de jantar do “Orient Express”

<https://www.goway.com/trip/europe/venice-simplon-orient-express-venice-london/>

O conforto e o luxo. Como na marchinha do carnaval de 1941 (Mário Lago e Roberto Roberti), imortalizada por Carmen Miranda, sucesso enorme também nos Estados Unidos:

Se você fosse sincera,
Ôôôô, Aurora.
Veja só que bom que era,
Ôôôô, Aurora.
Um lindo apartamento
Com porteiro e elevador
E ar refrigerado
Para os dias de calor.

Mas não se tratava só de comodidade, conforto e luxo. O elevador, um tipo especial de elevador, sob medida para nossa sociedade de discriminação e exclusão, foi decisivo para que a elite tupiniquim, a partir do fim dos anos 30 e anos 40, aceitasse viver em apartamentos: o elevador de serviço!

Assim o explica Pompeu de Toledo (2015, p. 472), em seu livro sobre São Paulo:

Os moradores dos pioneiros prédios de aluguel eram pessoas de baixa renda. O lugar em que Jorge d'Alvelos, personagem de *A estrela de absinto*, de Oswald de Andrade, morava na avenida São João, nem era chamado prédio de apartamentos, era prédio “de cômodos”. Num segundo momento, com a intenção de atrair os extratos superiores e vencer suas reservas contra a habitação coletiva, os empreendedores caprichavam para fazer os apartamentos parecer-se o mais possível com casas. Salas grandes e múltiplos dormitórios constituíam parte da receita, mas mais decisiva ainda foi a invenção do elevador de serviço, com as respectivas entrada de serviço e área de serviço – algo desconhecido na Europa e nos Estados Unidos. Com isso somava-se a vantagem de ter a criadagem por perto com a de mantê-la atrás de barreiras que as separavam dos patrões. Uma prática surgida séculos atrás, nas senzalas, depois reencarnada nas habitações dos empregados nos fundos das casas ou destacadas em edículas, sempre que possível com entrada independente, agora tomava o elevador para instalar-se nas alturas.

O nefasto preconceito é ironizado em uma tirada da sarcástica coluna Pif-Paf de “O Cruzeiro” (RJ, 22-06-1957):

Empregados devem cair sòmente no poço do elevador de serviço.

Garantida a segregação, hoje em São Paulo a área construída de apartamentos já supera a de casas. (“SP fica perto de ter mais apartamentos que casas”, UOL, 07-07-2021, <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2021/07/07/cidade-de-sp-esta-perto-de-ter-mais-residencias-em-predios-do-que-casas.htm>).

Embolou o meio de campo

O futebol – com a narração de jogos, os comentérios, a crítica, as mesas redondas etc. – vai criando seu jargão e, depois, muitas de suas expressões são emprestadas para a vida em geral: familiar, escolar, empresarial etc. Todo mundo entende quando se diz, por exemplo:

Ich!, desta vez você pisou na bola feio com o gerente, mas em vez de tirar o time de campo, fala com aquele teu colega, que tem muita cancha em relacionamentos e pede para ele fazer um meio de campo com o chefe e convencê-lo de que você está disposto a vestir a camisa da firma e a suar a camisa pelo emprego. Quem já não fez um gol contra na vida? Vai dar tudo certo, bola pra frente!

Uma das tantas expressões que passou do mundo do futebol para outras instâncias foi “embolar (/embolou) o meio de campo”. Aparece por primeira vez na BN, na “Última Hora” (RJ, 28-10-1964), na análise do jogo Campo Grande x Portuguesa, os dois times, no segundo tempo: “limitando-se a embolar no meio do campo”.

Na forma com “embolou”, surge na BN em 1967, execrando a atuação de um time:

Foi decepcionante a toda prova a atuação do quadro curitibano domingo último frente ao Britânia. Todo mundo “embolou” no meio de campo e nada se produziu. (“Diário da Tarde”, PR, 2-2-1967)

Usada inicialmente apenas para as situações de campo, só em 1975 começa a aparecer aplicada a outros campos, quando a “Luta Democrática” (RJ, 16-05-1975) comenta que a Secretaria de Segurança Pública proibiu qualquer informação de seus agentes à imprensa, resolução absurda que “vai embolar o meio de campo” dos próprios policiais. A partir daí, a expressão passa a ser amplamente usada nas mais variadas situações: a desorganização do agendamento de apresentações de artistas em casas de show, muitos jornalistas editando uma mesma matéria etc.

Estupidamente gelada

Por vezes usamos como intensivos para o positivo, adjetivos e advérbios originalmente negativos. É o caso de *terrific* em inglês que, após séculos significando terrível, no século XX passou a significar “excelente”. Outro exemplo é o nosso “formidável”, que do significado arcaico de “aterrador” (“o novo coronavírus é formidável”), passou a significar “ótimo”. Assim, a prefeitura de Chapada dos Guimarães anuncia aos turistas que o Circuito Águas do Cerrado é uma “tremenda duma trilha linda”. (<https://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br/a-prefeitura/turismo>. Acesso em 20-11-2020)

Nessa mesma linha, difundiu-se por todo o Brasil – na BN desde 1953 – que a cerveja bem servida deve estar “estupidamente gelada” (gelada “pra danar”, “pra ca&\$#@”, “pra burro” etc.), embora o Houaiss, para “estupidamente” exemplifique com: “costuma comportar-se diante das mulheres”; no caso da cerveja, o advérbio aparece como positivo.

Uma “faixa azul” stupidamente gelada – disse ao moço do bar. (“Folha do Povo”, ES, 02-03-1953).

F

Favas contadas

Historicamente tradicionais em processos de votação secreta, favas brancas (voto sim) e pretas (voto não) eram recolhidas em urnas e, ao final da coleta, obtinha-se o resultado com as favas contadas. No Império esse método era muito usado. Em ata da sessão do Senado de 26 de agosto de 1845, lemos:

É apoiada e remetida à comissão da mesa a seguinte indicação (...): Em todos os negocios particulares a votação será sempre secreta, e por favas brancas e pretas (“Diario do Commercio” RJ, 27-08-1845).



<https://www.emporioquatroestrelas.com.br>; <https://pt.dreamstime.com/>

E na ata capitular do “mosteiro de São Bento da Bahia” (capítulo de 03-05-1869), fica estabelecido entre as condições prévias para que se possa dar carta de liberdade a escravos, o voto por favas:

(...) O N. Rvm. levando ao conhecimento da comunidade os escravos que julgar merecer sua liberdade, e sendo estes julgados por favas brancas, e pretas (...) (“Diario de Pernambuco”, 29-03-1870).

Nos dias de hoje, a expressão assumiu outro significado, descolando-se da mera contagem de votos.

Fechar o tempo

Metáfora usada na BN desde 1891 para “criar confusão”, “arrumar briga” etc.

E esse Pedro Guimarães, dono do citado botequim, (...) apanhou o revolver e... fogo! Beny, um dos individuos presos, declarou estar na rua muito quieto quando se fechou o tempo no botequim (“Diario do Commercio” RJ, 05-06-1891)

Passado mais de um século, a expressão, fixada no repertório popular com o mesmo significado, continua a ser usada com relativa frequência. Um exemplo de metáfora, conhecida por jovens e idosos, que veio para ficar.

Fiado só amanhã

Cartaz onipresente em padarias e botecos de todo o país por mais de cem anos, a bem humorada sentença aparece por primeira vez na BN em 1890 num conto, no qual em uma modesta vendinha...

... ocupada na maior parte pelo carvão que servia para o consumo diario dos compradores (...) havia no fundo, enegrecida pelo pó do carvão, uam estampa da Virgem do Carmo pegada com pão mascado, diante da qual pendia uma lanterninha acesa dia e noite. Por cima do mostrador estava dependurado um papel com o seguinte, cuja imutabilidade transformava em pagamentos presentes todos os futuros e em capital effectivo todos os creditos incertos: Hoje aqui não se vende fiado; amanhã sim. (“O Brazil” RJ, 30-08-1890).

O humor, sempre presente, comparece também na historieta (apócrifa, obviamente) que anuncia desvendar a origem da expressão (“D. Quixote” RJ, 21-07-20). Um freguês, que se apresenta como sério, “funcionário da Light” etc., assume com “*seu* Manoel, do *Primeiro Barateiro* de Cascadura” o compromisso de comprar fiado. Quando as contas se acumulam, o malandro recorre a uma implacável lógica:

- Ora diga, seu Manoel. Qual foi meu compromisso consigo? Não ficou combinado que eu comprasse fiado?
 - Foi sim, senhor...
 - Pois bem. Qualquer dinheiro que lhe der por conta de minha dívida, quebro o compromisso assumido [de permanecer fiado...!] e será o senhor que pelas esquinas irá dizer da minha falta de palavra...
- No dia seguinte, por cima das caixas de batatas, pregado nos saccos de feijão, lá estava em letras gordas: “fiado, só amanhã...”.

Ainda no campo do humor e dos calotes, sempre me lembro do cartaz que, na década de 60, estava em muitas padarias:

Confúcio disse:
Eu não aceita cheque, senhor bravo
Eu aceita cheque, cheque volta, eu bravo
Melhor, senhor bravo.

Infelizmente, a irretocável sentença acima perdeu muito de seu sabor para a fórmula encontrada hoje em dia, embora já quase em desuso:



Insosso porque, embora todas as culturas tenham provérbios, os chineses (e os árabes) é que são os mais prestigiosos, aí incluídas as sentenças do Mestre (Confúcio) nos *Analectos*. E a evocação da tradição sapiencial do Oriente se desfigura quando se substitui “senhor” por “você”...

Ficar em cima do Muro

Como metáfora de indecisão oportunista, a primeira aparição na BN é em 1956, em artigo de Hermano Nobre Alves na “Revista da Semana” (RJ, 8-12-1956), comentando as divergências no Partido Comunista Brasileira no pós stalinismo, com diversas tendências se digladiando:

... Enquanto isso a aristocracia do Partido – os burocratas e os “eternos simpatizantes”, os intelectuais e os estudantes profissionais que viajavam pela Europa às custas do Partido – procura não tomar

decisões precipitadas e ficar em cima do muro para ver, na hora, para onde deve pular.

A expressão aparece antes, em sentido literal, em uma matéria que causa indignação pelo racismo que contém. O jornal “A Manhã” (RJ, 17-09-1946) dá assim a notícia “Policia camarada”:

A grande torcida que na tarde de domingo, afluí às dependências do estádio do Madureira, assistiu a um espetáculo não programado pela F. M. F.

Às 14 horas, já não entrava mais ninguém em Madureira. O público, então, não teve dúvida de procurar por todos os meios ao seu alcance, assistir à pejeja.

Foi assim, que o muro à esquerda da arquibancada social ficou apinhado de “caronas”. Em dado momento, surge um investigador “colored” que atende por nome de Walter, e declara:

“Recebo ordem para não deixar ninguém em cima do muro... vamos descer logo!...”

— Porém, o policial não declarou para onde devia descer os “caronas”, de modo que, todos como que obedecendo a uma só ordem, despencaram-se para o lado de dentro... e o policial, se limitou a dizer:

— “Bem, a ordem era para ninguém ficar em cima do muro, porém, não disse para que lado, devia descer, portanto, agora é tarde...”

— E lá se foi, sorrindo...

Futebol e seus anglicismos

Quando se importa uma realidade cultural, importa-se também, em alguma medida, o léxico próprio dessa realidade. Com o passar do tempo, ocorrem ajustes e o vernáculo vai ganhando espaço.

Um exemplo: o jogo de xadrez chegou ao Ocidente medieval por mediação dos árabes, que o tomaram dos persas, e até hoje há reminiscências dessas origens em nomes de peças e lances em nossas línguas: como o espanhol para bispo, *alfil* (*al-fil* -

o elefante); o inglês para torre (*rook*) ou o nosso lance do roque (*rukhhk* - torre); o xeque, que visa o rei (*shah*) ou o “mata” (xeque-mate) etc.

E em nossa linguagem da informática, há muitas palavras importadas do inglês (*mouse, link, site, software, hardware* etc.); outras já encontraram sua forma vernácula como “programa” ou “disco”; e, em alguns casos, convivem as duas formas: a original e a traduzida: download / baixar, deletar / apagar etc.

No começo do século passado, o futebol era uma realidade importada e se hoje o Brasil é o país do futebol; naquela época, Graciliano Ramos escrevia a famigerada crônica na qual afirmava que o futebol era moda passageira, não assimilável pelo brasileiro...

Mesmo sendo paixão nacional, persistem, ainda hoje, alguns termos de origem inglesa, como o próprio nome futebol, pênalti, drible, gol, chute, time, craque (desde sempre utilizadíssimo no turfe, outrora muito popular, tardiamente, só na década de 40, começa a se aplicar ao futebol) etc. Minha geração ainda pegou o tempo em que os anglicismos eram mais numerosos: falava-se em *goal-keeper* (goleiro), *corner* (escanteio), *offside* (impedimento) etc.

Mas nos primeiros tempos entre nós do “esporte bretão” (como diz o hino do Corinthians), a presença de termos ingleses era absolutamente dominante. Uma amostra interessante desse fenômeno de linguagem é o relato de um “*match*”, recolhido quase ao acaso do acervo do Estádio, do dia 22 de abril de 1910, p. 5.

Foot-ball

Segundo match de selecção – Ypiranga vencedor por 5 goals a 2

Realizou-se hontem, como fora anunciado, o segundo match de selecção, entre o Ypiranga e a “A. A. Villa Buarque”.

Os teams apresentaram-se bem treinados porém faltando ainda aos seus jogadores a necessária calma para se manterem nos seus postos até o fim da luta.

Note-se que, à época, grafava-se *foot-ball* (só a partir de 1920, o Estádio passaria a grafar também futebol, sem abandonar o *foot-ball*), *goal* (que receberia, poucos anos depois, o sinônimo nacional, hoje em desuso: “tento”) e *team* (que convivia com o nacional *equipe*). E o inglês *match*, convivendo com *partida*.

O artigo continua. Para que os jogadores se mantenham em seus postos e não fiquem “amontoando-se todos sobre a bola” é necessária a ação do *captain*:

a intervenção energica de um captain, que obrigue seus jogadores a guardar suas posições (...) [possibilitando] os passes, que constituem o encanto deste salutar sport britannico.

No primeiro gol do Ypiranga, uma pixotada do goleiro (termo que o Estádio só virá a empregar em 1931), a decisão do juiz (o artigo emprega também *referee*) causou polêmica:

Britto, goal-keeper do “Villa Buarque”..., parara um shot do team adversário sob a trave do goal. Perseguido por um forward contrario, e tendo a bola nas mãos, arremessou-a para longe, porém, como se achava sobre a linha, ao fazer o movimento com o braço, para traz, afim de atirar a bola, passou a por dentro do goal...

O jogo prossegue com *driblings* e *goals* que aumentam o *score*; *half-backs* deixando livres os *estremos*; que fazem bons *rushs*, ocasionando *corners* (a palavra escanteio só começa a ser usada – de início muito raramente – somente em 1926).

Amphiloquio (*in side left*) do Ipiranga, a 20 jardas do goal, passou para Hugo, que com um *shot* rasteiro e enfiado, vasou o *goal* (“vasar” é termo que hoje permanece somente na expressão “goleiro/defesa menos vazado”) do Villa.

Em cento e poucos anos houve mudanças e permanências no léxico do futebol; muitos acréscimos para atender jogadas novas (bicicleta, pedalada, drible da vaca etc.), novas atitudes (*catimba*, que aparece no Estadão em 1967; *firula*, em 1977 etc.) ou novas realidades advindas da complexidade externa ao gramado (cartolas, tapetões, etc.).

Futebol é uma caixinha de surpresas

Clichê repetido à exaustão, por mais de 60 anos!, em transmissões e debates futebolísticos, a frase tem por autor o comentarista Benjamim Wright, como atesta Armando Nogueira:

No mais, é como costuma dizer o comentarista Benjamim Right (sic): “Futebol é uma caixinha de surpresas” (“Diário Carioca”, 31-07-1959).

A comparação vem sendo sistematicamente retomada, particularmente em “vitórias de zebras”, em “vitórias de virada” ou em “goleadas”, como no caso da goleada de 6x0 que a Espanha aplicou na Alemanha na Nations League, em 17-11-2020.

Fuxico

Surge na BN na imprensa cearense, a partir de 1888, e depois se estende a todo o país. Narrando manobras marotas, diz ironicamente um missivista:

... tendo chamado dois coelhos para ajuda-lo no fuxico e assignar cegamente o innocente papel, que tudo aguenta... (“A Constituição” CE, 20-07-1888)

O termo deu origem a um tipo de artesanato tipicamente nordestino, porque as mulheres que se reuniam com suas agulhas e linhas, reaproveitando retalhos de tecidos para fazer pequenos broches, flores e apliques entre outros adereços e enfeites, aproveitavam o tempo para, em grupo, atualizarem as fofocas da cidade.



Artesanato com fuxico.

G

(Fazer) Gato e sapato

Expressão antiquíssima, já aparece na BN em 1831. Usada ainda atualmente, também em muitas canções, foi cantada no grande sucesso “Lança Perfume” (1980) de Rita Lee:

Me vira de ponta cabeça
Me faz de gato e sapato
E me deixa de quatro no ato
Me enche de amor, de amor

Ensina Sérgio Rodrigues:

Embora também se encontre por aí a variação “gato e sapato”, que não deve ser considerada errada, é a forma “gato-sapato” que está na origem da expressão. Como se sabe, “fazer gato-sapato de (alguém)” significa “maltratar, destratar, humilhar” ou ainda “submeter aos próprios interesses, transformar em brinquedo”. A palavra composta é o nome de uma velha brincadeira infantil, parece que caída em desuso, e não vou dizer que infelizmente. No jogo de gato-sapato, uma variação menos gentil da cabra-cega, uma pessoa, de olhos vendados, levava sapatadas das outras. A erudição de Câmara Cascudo acrescenta ao quadro algumas informações pitorescas: “Antiquíssimo jogo infantil, modalidade da *Cabra-Cega*, *Cobra-Cega*, *Batecondê* no Brasil, *Gallina Ciega* no mundo hispano-americano, *Colin-Maillard* na França. Uma criança, sempre de olhos vendados, é batida pelos companheiros que empunham sapatos, chinelas, varinhas, até que consiga agarrar a um deles, seu substituto. Era o *Chalké muia* na Grécia clássica, passando a Roma onde se denominou *Musca aenea*”. (<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/como-surgiu-a-expressao-fazer-gato-sapato-ou-seria-gato-e-sapato/>. Acesso em 20-11-2020).



“La gallina ciega” (1788) de Goya

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:La_gallina_ciega_\(Goya\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:La_gallina_ciega_(Goya).jpg)

A primeira aparição na BN é:

Ora..., já não vale a Constituissão, porque as autoridades fazem d'ela gato sapato. (“O Republico” RJ, 25-02-1831).

Golaço

Demorou a surgir no jargão futebolístico. A própria palavra “gol”, tardou em prevalecer, dadas as preferências pelo original inglês “goal” e pelo vernáculo “tento”, que dificultaram o aparecimento do aumentativo que engrandece a habilidade. Como outras palavras nossas terminadas em “aço” (buzinaço, panelaço, maracanaço...) foi influenciada pelo “azo” espanhol. Golaço surge na BN em “O Globo Sportivo” (RJ, 19-07-1940), mas referindo-se a craques argentinos e seus “golassos”. Em 1946, o “Diario da Noite”, comentando um Fla-Flu, assume o termo e após afirmar que o Fluminense foi mais “team”, exalta o atacante do Flu:

O goal de Vevé – um “golaço”, como dizem os argentinos (...)
 (“Diario da Noite” RJ, 9-12-1946)

I

Ir (ou não) com a cara de alguém

Ir (ou não) com a cara de Fulano. Guimarães Rosa, em sentença lapidar (2001, p.72) expõe o mistério do confiar: “Confiança – o senhor sabe – não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa”. E o grande filósofo espanhol Julián Marías (1989) fala de um critério que seguia em seus relacionamentos: “Nunca confiei senão nas caras das pessoas. E quando, algumas vezes, não levei em conta o que via, tive que lamentar esse descuido”.



<https://keepcalms.com/p/voce-nao-vai-com-a-minha-cara/>

A primeira incidência da expressão na BN dá-se em “O Rio-Nú” (RJ, 14-03-1914): “Si não vai com a cara do cara assente-lhe a mão com toda a força na lata [rosto]” (note-se que já aparece também a gíria “o cara”).

J

(em rio de piranha) Jacaré nada de costas

Sentença de autoria atribuída a Stanislaw Ponte Preta. E de fato a primeira aparição na BN é em sua coluna “A Noite” (RJ, 31-05-1921), para aludir a uma situação política:

É bem como diz a veneranda tia Zulmira: “Em rio de piranha jacaré nada de costas”. (Última Hora” (RJ, 23-01-1963)

Por vezes, a sentença é complementada por “e macaco bebe água de canudinho”. E há variantes: “Em lagoa de jacaré pato não nada”.

L

Lábia

A manha do palavrório, a lábia, é antiquíssima entre nós: aparece por primeira vez na BN em 1829, em anúncio na seção de “Escravos Fugidos” (“muita lábia” dos fugidos será característica apontada frequentemente por senhores nesses anúncios). Após dar a descrição do escravo David, calafate, baixo, cheio de corpo etc., prossegue:

he muito fallador, e tem muita labia, he um perfeito capadocio...
 (“Jornal do Commercio” RJ, 24-09-1929)

Cem anos depois de sua origem na BN, o “Manifesto Antropofágico” (1928) registra a lábia como característica nacional:

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

Lanterna (do campeonato)

Metáfora que o futebol importou do mundo ferroviário, como esclarece Rogério Toledo de Arruda, funcionário aposentado da São Paulo Railway, em depoimento (in Antunes, 2014, pp. 131-133).

– Essa lanterna tem uma história interessante: os trens, naquela época, tinham um engate muito primitivo entre um vagão e outro, entre um carro e outro. E às vezes acontecia de o engate se romper. O engate se rompendo, uma parte do trem ficava parada na linha e o maquinista não via e ia embora com o resto. E aquele trem que ficava lá era um

perigo muito grande, principalmente se fosse à noite, um outro trem poderia vir e bater. Então, o que os ingleses fizeram? Eles começaram a pôr uma lanterna no último carro ou no último vagão. Então, quando um trem chegava a uma estação, um empregado ia atrás do trem para ver se tinha lanterna. Se tivesse a lanterna, é porque o trem estava inteiro. Se não tivesse a lanterna, é porque tinha ficado um pedaço na linha. E dessa lanterna colocada no último carro das composições veio a história do time que está em último lugar do campeonato: “é o lanterninha!”.

A apropriação deu-se em 1936 e, na década de 40, “lanterna” e “lanterninha” (ou “lanterninha vermelha”) já eram linguagem corrente para designar o último colocado. O primeiro registro futebolístico na BN vem após um comentário sobre a rodada do campeonato paulista, quando o periódico da colônia italiana ironiza:

“Poverino”, o S. Paulo! Elle gostou da “lanterninha da rabeira” e ninguém mais lh’a tirará.
(“Il Pasquino Coloniale” (SP, 22-08-1936)

(tirar de/ gol de) Letra

Muitas metáforas que usamos em nossa linguagem futebolística são expressivas e plásticas, quase se deixam ver e tocar: peixinho, bicicleta, chapéu, lençol, caneta, carrinho, frango (esta, particularmente genial: o frango estava aí, ao alcance da mão, mas não se deixou apanhar)...

Nessa linha estão “gol de letra” e “tirar de letra”, quando o toque na bola dá-se com os pés “trocados”: o pé direito no lugar do pé esquerdo e vice-versa, imitando a forma de um X (L, ou outra letra, dependendo da jogada e da imaginação do torcedor).

Estabelecida a “letra” no léxico futebolístico, “gol de letra” surge antes do que “tirar de letra”. A lenda diz que foi Mário Filho quem cunhou a expressão “gol de letra”, a propósito do célebre gol de Isaías do Madureira, no 4x1 sobre o Fluminense de 2-8-1942:

O gol de letra veio ao mundo num jogo pela oitava rodada do segundo turno do campeonato carioca de 1942 no estádio das Laranjeiras, entre Fluminense e Madureira. (...) Na tarde de 2 de agosto, o trio estava infernal. O Madureira, para assombro geral, aplicou uma sonora goleada de 4x1 no Fluminense e o centro-avante Isaías foi o autor de um gol que, pela técnica e beleza, até hoje é festejado como gol de letra. O craque chutou a bola com as pernas cruzadas em X e Mário Filho, presente no estádio, não teve dúvida: criou, na hora, a expressão.

(<https://joseclaiter.blogspot.com/2013/11/curiosidades-da-lingua-portuguesa-xxii.html>). Acesso em 6-6-2021

Quem deu esse nome foi o jornalista Mário Filho, em um jogo do segundo turno do Campeonato Carioca de 1942, entre Fluminense e Madureira.

(<https://www.mendorato.com.br/dicas-e-diversao/gol-de-letra.-quem-inventou/>). Acesso em 6-6-2021

A documentação da BN desmonta cabalmente essa lenda, ao menos quanto à data. O “Jornal dos Sports” (RJ), em sua edição de 4 de agosto de 1942, comenta os jogos do domingo, entre eles o famoso 4 a 1 (da véspera) do Madureira no Fluminense e o prodigioso gol do artilheiro Isaías. A crônica desse jogo é de Everardo Lopes, que diz a propósito da, já então, “clássica” letra:

[em vez de encher o pé, Isaías...] ...fez a letra. A “clássica” letra dos forwards da roça.

E mais: a mesma edição do jornal traz o comentário de Mário Filho, que não estava assistindo ao Fluminense, mas na Gávea, cobrindo Flamengo x São Cristóvão!

Seja como for, a expressão “gol de letra” começa a aparecer na BN só no ano seguinte, em “Lavoura e Comercio” (MG, 31-12-1943); enquanto “tirar de letra”, teria de esperar a década seguinte:

Linda Batista tirou de letra uma infinidade de carnavais. (“Manchete”, RJ 07-02-1953)

O recurso à escrita ocorre também com números, como na famosa marchinha do carnaval de 1957: “Faz um quatro aí que eu quero ver” (“... se você cair, Jurandir, que gozado que vai ser”). Não conseguir fazer o quatro com as pernas era a prova dos nove para comprovar que a pessoa estava bêbada.

M

Mala sem alça

Surge na BN como metáfora de situação / pessoa difícil e complicada na segunda metade da década de 80, por vezes com explicações de seu sentido, como o fez um deputado do Nordeste:

A candidatura Ulysses é uma “mala sem alça”. E explicava: é difícil de carregar, escorrega e corre o risco de quebrar o que está dentro. (“Correio Braziliense” 30-01-1987)

Note-se que a metáfora é contemporânea da popularização da facilitadora “mala com rodinhas”.

Mamata

Palavra de muito uso com profundas raízes na vida política nacional... Como ensina o Aurélio, o sufixo “-ata” pode ter valor irônico ou pejorativo, como em “negociata”, “mamata” (pejorativo de mamar) etc. A expressão aparece na BN já em 1835:

O nosso Manuel Ferreira perdeu, com o fim do anno, a mamata do Correio Official (...) a atolar-se no lodo immundo etc. (“O Sete d’Abril” RJ, 03-01-1835).

E uma caricatura relacionando mamata com mamar:



Quem não chora, não mama: a mamata do café em detrimento da cana e da borracha
 (“Fon Fon” RJ, 31-08-1907)

Manguinhas de fora

“Manguinhas de fora” aparece já na BN na década de 1820, antecedida dos verbos “deitar”, “botar” ou pôr. As duas primeiras ocorrências referem-se ao clima hostil ao Brasil que havia nas Cortes portuguesas pouco antes da proclamação da Independência. Já na primeira aparição, a expressão se mostra em toda sua clareza:

Conspiram-se os elementos mais discordes, para que o Brazil continue em sujeição a Portugal. O Deputado Trigoso, vendo que nesta questão seria apoiado por muitos daquelles membros, que alias são seus adversarios politicos, deitou as manguinhas de fora, e fallou com um denodo, e até diriamos petulancia, a que nunca se atreveria, se a questão fosse a respeito de Portugal, aonde seus opposentes de certo lhe abateriam as cristas.

(“Correio Braziliense” Londres, janeiro 1822)

No século XIX, encontram-se também – exatamente no mesmo sentido de “manguinhas de fora” – “mangas de fora” “manguitas de fora”, “manguitos de fora” e sobretudo “mãozinhas de fora”. Esta última (e mesmo as anteriores, tomando a manga pela própria mão), parece, talvez, indicar um possível sentido originário da expressão: em vez de manter mãos recolhidas, as mãos de fora (ou “para fora”, como por vezes aparece na BN) mostram atitude, disposição de enfrentamento. No mesmo sentido que a outra expressão, “arregaçar as mangas”, que surge na BN na década de 1860.

Esta última nos leva a outra hipótese sobre a origem da expressão em pauta. “Arregaçar as mangas” vem por vezes, em seus primeiros usos, precedida de “despir o casaco”, para lutar (no país dos diminutivos, logo aparece também “arregaçar as manguinhas” – “Semana Illustrada” RJ, No. 785, 1875). E precisamente esse tirar o casaco pode ser também o sentido de pôr as “manguinhas de fora”, para um enfrentamento! Um manifesto da “União Operária São Cristóvão”, falando da pesada repressão aos trabalhadores que reivindicavam direitos, ameaça:

Quem semeia ventos colhe tempestades, e o cardíaco pequeno [o patrão opressor] vae, sem duvida, colher um forte “chaparrão” ou uma formidável trovoada se não encolher as manguinhas para dentro do casaco.
 (“Voz do Povo” RJ, 27-08-1920)

Maria vai com as outras

Expressão antiquíssima, surge por primeira vez na BN em 1831 na forma: “Mãi Mária vae com as outras” (“Nova luz brasileira” RJ, 24-08-1831), mas já no ano seguinte aparece como simplesmente “Maria vai com as outras”, forma muito mais usada e única vigente até hoje (a última aparição de “Mãe Maria vai com as outras” é de 1934). Não encontramos na BN nenhuma referência que abone a conhecida hipótese de que a origem da expressão estaria ligada aos passeios de D. Maria I, a Louca, no Rio de Janeiro, que, supostamente desorientada, seguia a trajetória escolhida por outras pessoas.

Mas, porém, contudo, todavia

Frequente na BN, a expressão repetitiva de sinônimos, para jocosamente enfatizar o adversativo, “mas, porém, contudo todavia” aparece na BN já em 1963, para indicar, no caso, as indefinições na política:

Tudo naquela base mineiro-valadarista do talvez, mas, porém, contudo e, todavia. (“Brasil Urgente” SP, 20-10-1963)

Teceremos aqui algumas considerações etimológicas sobre essas conjunções, com alguns exemplos que possam apontar para o sentido original.

“Todavia” é etimologicamente “toda a via”, que no português arcaico significava: “completamente, constantemente”. Como nos maldosos versos do século XIII de João Garcia de Guilhade, tantas vezes citados:

Ai dona fea! Foste-vos queixar
Que vos nunca louv'en meu trobar
Mais ora quero fazer un cantar
En que vos loarei **toda via** [completamente]
E vedes como vos quero loar:
Dona fea, velha e sandia!

Esse sentido originário em português, “toda-a-via” (haverá influência disso na forma interiorana “toda a vida”: como no disco da banda Tubaína: “Segue em frente toda a vida, mas pare em Birigui”?) permanece no inglês “all the way”, como na canção de Frank Sinatra: “When somebody loves you/ It's no good unless she loves you /All the way”. “All the way” é completamente, cabalmente, com tudo. Essa ideia de “completamente” como adversativa – presente também no “contudo” que examinaremos a seguir – ganha um aspecto adicional quando consideramos o *todavía* espanhol, que significa “ainda” e é bem compreensível em sua forma negativa, como na desculpa, por exemplo, dada pelo mecânico, indagado pelo furioso cliente se o carro finalmente ficou pronto: “*Todavía no*”, não ainda, não completamente, dando a entender que não está pronto, mas quase...

Essa ideia de totalidade está presente também em nossa outra forma: contudo (literalmente, com-tudo). Na verdade, a adversativa não é pura e simplesmente “oposto, contrário a; adverso” (Houaiss / Aurélio); o que realmente ocorre é que, em todas essas formas, reconhecemos a força do conjunto (da oposta totalidade, “toda a via”) dos argumentos contrários (note-se que também “embora” aponta para plenitude: a boa hora, a hora boa, que consuma). Contudo, mesmo consciente desse todo contrário, há um aspecto *mais* (e “mas”, em sua etimologia, é precisamente “mais”). Aspecto que se opõe (adversativa) àquela massa de razões que concedemos. “Mas”, é um “sim, mas”: um acréscimo que contraria a base com a qual se concorda: tudo bem, só que... Este “só” também funciona como adversativa: uma única razão que derruba todas as contrárias, como o neutro “*lo único*” em espanhol: *Apartamento lindo y comfortable; lo único es que se encuentra alejado del centro*.

Um exemplo. Querem me vender um carro muito bom: potente, bonito, com os melhores acessórios etc. Concordo completamente com o que o vendedor diz; “com-tudo” o preço é exorbitante... As razões do vendedor são verdadeiras e de peso e embora as pondere (a-pesar delas...), e as aceite (*sin embargo*), isso não obsta (não obstante) a minha recusa, pois o quesito preço é decisivo.

Nessa categoria, cabe igualmente o recurso à contraposição entre os argumentos pelo fator tempo, com “agora”, “depois” ou “antes”. No primeiro caso, prevalece este fator [“agora”] sobre o que o vendedor [anteriormente] me apresentou: “Sim, o carro é potente, bonito e tal; *agora*, por esse preço não dá...” Em alguns casos, pode-se usar “depois”, indicando que a evidência do fato presente nem se compara à (“injusta”) fama que insistem em projetar no futuro [depois]... Como na clássica piada de louco:

Andava um maluco com uma escova de dentes amarrada em uma cordinha pelos corredores de um manicômio. Cruza um enfermeiro que lhe diz:

“– E aí, passeando como o cachorro?”

“– Ora, sinceramente! Não está vendo que isto é uma escova de dentes e não um cachorro? Depois eu é que sou doido!” diz o maluco, e vai embora.

Tendo se afastado um pouco, vira-se para trás e diz:

“– Boa, Duque, conseguimos enganar mais um!”

Em outros exemplos, podemos empregar até mesmo “antes” (como categoria originária e duradoura, que prevalece): “Isto, mais do que uma tese de doutorado, é antes um amontoado de citações desconectadas”.

O bloco de razões que, etimologicamente, o “contudo” e o “todavia” reconhecem (para depois acrescentar algo que o contraria), também está presente na adversativa “mas”. “Mas” é originariamente mais. Sim, admito o valor do que você falou, mas há *mais*, há algo mais que deve ser considerado. “Larga já esse video game, já são onze horas e amanhã você vai ter que acordar cedo para ir para a escola etc.”. A criança ameaça responder: “Mas...”. “Nem mas, nem meio mas!!” (não há “mais” algum a ser ajuntado ao que a mamãe disse) “É assim e ponto final! Assim, sem mais (sem “mas”)!”. Posso até sentir muito, ficar desolado, mas é assim que tem que ser.

O etimológico “mais” no “mas” pode ser advertido em usos como: “Torci pelo Corinthians na final do mundial. Sou palmeirense, mas [mais] sou brasileiro”. “Claro que gosto de doces, mas preciso cuidar da diabetes”, a atenção à doença é mais importante do que um gostinho caprichoso... “Eu respeito religiões super discutíveis, mas quero que respeitem a minha”. Ou ainda na expressão “tem mais é que” (que,

sugestivamente, em Portugal é: “tem *mas* é que”), como quando se diz: “ele tem ma(i)s é que mofar na cadeia”.

Menos clara é a passagem para o uso atual do sentido originário de porém, *por ende*, que significa *por isso*, *portanto* (segundo alguns estudiosos, *por ende*, teria assimilado o valor da negação, passando a expressar uma contração). A transformação de “porém” é semelhante à do espanhol *pero*, originariamente *per hoc*, por isto. O sentido primitivo deixa-se entrever em sentenças como: “Vou ao velório e ao enterro, porém não à missa de sétimo dia” (cumprir as primeiras obrigações, portanto dispense-me da última). “Sou muito tolerante e aceito críticas a mim; não, porém, [não por isso] ofensas à família.”

Concluímos, chamando a atenção para a diferença de uso de “entretanto” em Portugal e no Brasil. Lá significa simplesmente “nesse meio tempo”; entre nós, passou a ter uso adversativo (entre tantas coisas, nesse meio tempo..., a situação mudou).

Matar a cobra e mostrar o pau

A expressão é já centenária. Originalmente, incluía a rapidez de mostrar (logo, de imediato etc.) o pau. Aparece por primeira vez na BN em “O Jornal” (RJ, 15-10-1926), em registro de fala do deputado Batista Luzardo (que indica que a expressão já era muito usada, mesmo antes do primeiro registro escrito):

Nesses assumptos revolucionarios tenho usado o systema de matar a cobra e mostrar, de imediato, o páo, como se diz no Rio Grande.

(ficar com o // pagar o/um) Mico

No antigo jogo infantil de baralho do Mico Preto, cujo objetivo era parear os casais de bichos (leão/leoa, vaca/boi etc.), perdia quem ficasse com mico, o único animal que não tinha parceiro. Veio daí a origem dessas expressões. “Ficar com o mico” aparece na BN em 1983 e “pagar o mico” em 1989:

... fato que poderia levar o investidor a ficar “com o mico na mão” – e como se diz na gíria do ramo. (“Correio Brasiliense”, 10-01-1983)

Com o tempo, o sentido da expressão que, originalmente, remetia a algum tipo de perda, passou a incorporar a ideia de “viver uma situação vexatória”, empregada até hoje, embora poucos façam a relação disso com a situação do jogo original. É o caso do exemplo abaixo:

[O sobrinho adverte o tio, surfista]: “Vê se não vai mais pagar mico (passar vergonha) no campeonato, tá?”
 (“Jornal do Brasil”, RJ, 07-01-1989)

Minha Nossa (Senhora)²

Sérgio Buarque de Holanda fala de uma acentuada característica do brasileiro, a abordagem pessoal: “O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não

² Os três primeiros parágrafos foram extraídos, com ligeiras alterações, do artigo: “A linguagem esconde-revela o brasileiro”, que publiquei em 2011 na revista *Língua Portuguesa*, v. 73, pp. 43-44.

seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante da Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo.”

Nessa mesma linha vai a aguda constatação de Gilberto Freyre em *O Brasileiro entre os Outros Hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impuntualidade e de lentidão”. Essa afirmação é vista pelo filósofo espanhol Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua e exemplifica Freyre com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” objetiva, do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

Nessa linha, o português conseguiu conjugar de modo pessoal o neutro infinitivo; não exercemos o impessoal “sair”, é o nosso sair: “É bom sairmos porque é hora de irmos”. Para não falar em extremos – como nos fez notar Sylvio Horta, professor de filosofia da FFLCH, da USP – como o da expressão: “Minha Nossa Senhora!”, que contemplamos a seguir.

A brasileiríssima expressão “Minha Nossa Senhora” aparece muitíssimo na BN, desde 1845:

– Ó minha Nossa Senhora!... olhe para ali, olhe para ali, exclamou a marquesa, não podendo conter um grito de terror (...) (“Diário do Rio de Janeiro”, 18-08-1845)

Procurar, com rigor, a fórmula reduzida “Minha Nossa” seria buscar um agulha em palheiro, entre as milhares de “Minha Nossa Senhora” (o sistema de busca na BN não permite a exclusão de uma palavra, no caso “Senhora”). Limitei a busca para datas a partir de 1940 (o que pareceu razoável) e somente em alguns jornais e revistas populares, que usam linguagem mais informal. Com essas limitações, encontrei uma primeira “Minha Nossa” em 1954 (edição 264) na “Revista do Rádio”, nos célebres “Mexericos da Candinha”:

Eu soube que você comprou 40 mil cruzeiros de roupas, Carlos Augusto. Minha Nossa! Pra que isso tudo?

Antecipou-se assim a revistas como O Cruzeiro (que só usa a forma abreviada em 09-01-1960), Manchete, A Cigarra, Careta, Revista da Semana, e o Jornal dos Sports ou A Gazeta Esportiva.

Minhoca na cabeça / pulga atrás da orelha

Surge na BN em 1949, como protesto pelo horário de verão, ainda no sentido mais geral de mera cabeça vazia:

Essa gente tem minhoca na cabeça, velhinho. Adiantaram os relógios.
("Mundo Esportivo" SP, 09-12-1949)

A expressão se consolida com a marchinha do carnaval de 1960 "Garôta travêssa". sucesso de Carequinha:

Ela é
Garôta travêssa
Ela tem
Minhoca na cabeça
("Revista do Rádio" RJ, especial de fevereiro de 1960)

Mas logo encontramos a expressão no sentido mais estreito de ficar desconfiado, com a cabeça dando voltas a uma suspeita intrigante ("ela atrasou e o marido já ficou com minhocas na cabeça"), aproximando-se da muito mais usada e antiquíssima "pulga atrás da orelha" (talvez calcada na antiga expressão francesa "pouce a l'oreille"). Já em 1836, a "Gazeta Universal" (PE, 13-05-1836). Investindo contra manobras de Feijó, o articulista escreve:

Veja se não he para andarmos com a pulga atraz da orelha.

Mundos e fundos

A expressão, de rima irresistível, é muito antiga e desde sempre muito usada, o mais das vezes ligada a promessas. A primeira aparição na BN dá-se no vol. IV de "O Portuguez, ou Mercurio" (Londres, 1815):

Incumbe ao Governo do Rio o vigiar (...) senão, qualquer dos Justificantes allegará e provará que perdeo mundos e fundos...

O "fundos" da rima, presta-se também a jogos de palavras do satírico "O Rio-Nú", como este em sua seção "Desgostos":

[Desgosto é] Casar com uma mulher de quem se diz que tem mundos e fundos e verificar que ella só tem... fundas. (15-12-1900)

Ou este:

Estas exigiram mundos e fundos, principalmente fundos (...). (10-01-1903)

Ou ainda ao "informar" que a Redação do debochado jornal recebeu visita de (supostas) determinadas artistas:

Depois de muitos abraços etc. e tal prometteram mundos e fundos, sobretudo fundos (...). (16-11-1904)

N

(feitos) Na hora

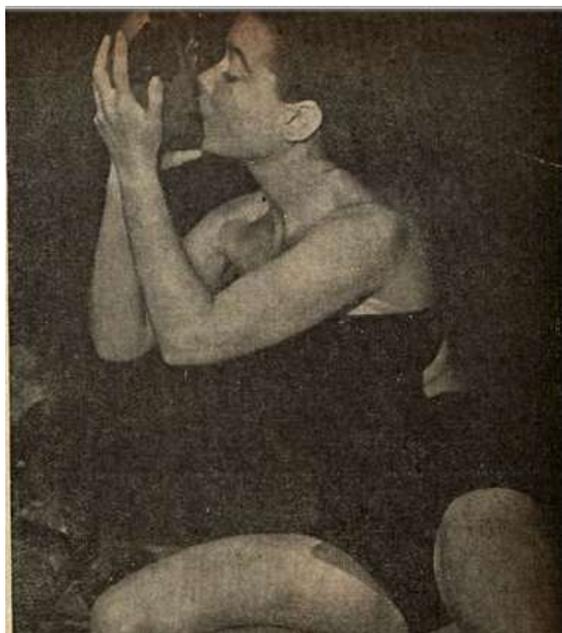
“Na hora”, no sentido de imediatamente – pastéis fritos na hora, concertos feitos na hora etc. –, é expressão relativamente recente. Com uma primeira aparição isolada na BN em 1927, essa locução viria a se firmar só a partir dos anos 40. O entrevistador do famoso ator J. Farrell MacDonald (“Cinearte” RJ, 6-04-1927) conta uma de suas surpresas em conversa com o astro:

Primeiro elle accendeu um cigarro fino, o que me espantou, pois eu julgava que, como nos films, só fumasse cigarros feitos na hora.

Antes de “na hora”, para expressar o imediato, empregava-se a – hoje obsoleta – forma “à la minute” (com a mesma naturalidade com que, por exemplo, dizemos hoje “à la carte”). Assim, desde o século XIX, anunciava-se fazer “à la minute”: pastéis fritos, caricaturas em festas, “mayonnaises”, cartões de visita etc.:



Anúncio na revista “Comedia” (RJ, 18-01-1919)



Tardiamente, na revista “Fon Fon” (RJ, 27-05-1950), a expressão faz legenda de foto de uma turista na Jamaica que “refresca-se bebendo a água de côco que um nativo prepara ali ‘à la minute’”.

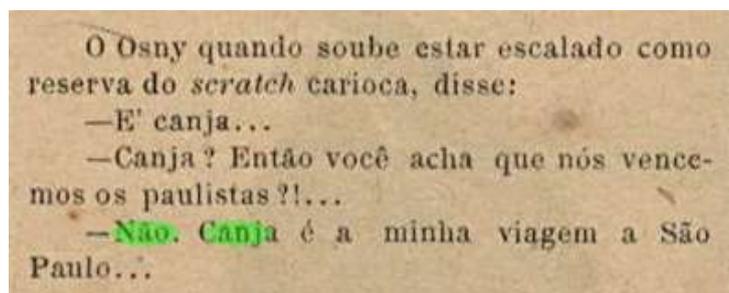
É interessante registrar a mudança do “minuto” para “hora”, nas locuções que estamos analisando. Em outros estudos, tenho analisado a forte tendência do brasileiro para a indeterminação, em todos os aspectos da vida (cf. p. ex. <http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf>). Essa busca da indeterminação afeta também nosso modo de lidar com o tempo, como na expressão que ora contemplamos. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro acabou preferindo o vago: “na hora”; já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “*at the moment*”). O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do “estrangeiro” (paulista, por exemplo) em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “um minutinho” etc.

Não é sopa

“Não é sopa” – título do clássico livro de Nina Horta e da coluna de saborosas crônicas e receitas culinárias que escreveu, por anos, na Folha de S. Paulo –, joga com a metáfora de “sopa” como “coisa fácil de ser feita, vencida ou resolvida” (Houaiss). Nesse sentido, aparece na BN em 1911, como título de um espetáculo de teatro de revista: “A cabrocha não é sopa” (“algarávia em 2 atos... vedeteada pelo Sr. Walter Pinto” (“Dom Casmurro” RJ, 18-10-1911).

E Noel Rosa em seu primeiro sucesso, “Com que roupa?” (1929), já registrava a queixa: “Pois esta vida não está sopa”.

Como sinônimo da “moleza” da “sopa” está também “canja”. O “D. Quixote” (RJ, 01-08-1917) apresenta a piada:



O Osny quando soube estar escalado como reserva do *scratch* carioca, disse:
—E' canja...
—Canja? Então você acha que nós vencemos os paulistas?!...
—**Nao**. **Canja** é a minha viagem a São Paulo...

E, pelo menos já nos anos 50, havia o corinho de torcidas, quando a vitória do próprio time já estava desenhada:

É canja, é canja
É canja de galinha,
Arranja outro time
Para jogar com a nossa linha

Linha, no caso, são os jogadores do time, à exceção do goleiro (daí a expressão “goleiro-linha”). Não pude documentar a piada, mas eu a ouvia na infância, quando ainda estavam vivas as lembranças da segunda guerra mundial:

Qual a diferença entre o time tal (em crise) e a França
É que a França tinha a linha Maginot e o time tal “imaginô” que tinha linha

Ignorando totalmente o significado e a lógica da situação, a gravação “Canja de Galinha” (Xuxa, 1990), substitui “Para jogar com a nossa linha” pelo absurdo “Para jogar na nossa linha”!

De “canja”, como moleza, coisa fácil, deriva, talvez, a expressão “dar uma canja”, uma apresentação inesperada ou improvisada de uma amostra musical que, ao não requerer ensaio ou esforço, pode ser dada facilmente. Seja como for, não cabe a, muito difundida, interpretação usual de que a expressão surgiu por conta do CAMJA:

Nos anos 60, o Clube dos Amigos do Jazz, entidade brasileira formada por fãs do gênero, era conhecido pela sigla Camja. Um dos costumes dos membros do clube era deixar seus instrumentos à disposição. Assim, os frequentadores do local podiam se aventurar em apresentações de improviso. De “tocar no Camja” para “dar uma canja” foi um pulo – e hoje todo músico que participa, de graça, de uma apresentação não planejada está “dando uma canja”.

(<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/acervo/dar-canja-434842.phtml>)

Pois “dar uma canja” aparece na BN em 1950! O cantor Alcides Gerardi começou sua carreira quando “foi a um baile e pediu ao chefe da orquestra para dar uma ‘canja’”. Ao final, muito aplaudido foi convidado para ser o “crooner” da orquestra (“Revista do Rádio” RJ, 13-06-1950).

Se “canja” ou “sopa” indicam facilidade (antigamente, para quem fazia “corpo mole”, havia o dito jocoso: “Quer moleza? Toma sopa de minhoca!”), “osso”, pelo contrário, designa a dificuldade. Assim, “osso duro de roer”, muito frequente na BN, aparece já em 04-12-1831 em “O Simplicio da Roça” (RJ); e “ossos do ofício” também surge na BN cedo, em 1830 (“Diario da Camara dos Senadores”, 19-07-1830).

Não nasci ontem

Uma das incontornáveis necessidades da comunicação é a de expressar a um interlocutor que quer nos enganar que percebemos sua intenção e que não nos vamos deixar levar por sua conversinha falaz. Necessidade que vai criando expressões, novas ou velhas, que possam se prestar a essa finalidade. Das novas, temos desde as irônicas afetações de assentimento: “hã, hã”, “sei... (/ “tô sabendo””, “Ah, tá” etc. até o bordão dos anos 80, “Me engana que eu gosto”, do personagem de Wilson Vaz em “A praça é nossa”. É significativo que, dentre as centenas de efêmeros bordões veiculados ao longo dos trinta e tantos anos desse programa (sem contar as versões pré SBT), este continue vigente: precisamos de formas expressivas de afirmar que não somos tolos.

Dentre as clássicas consagradas, “não nasci ontem” aparece na BN já em 1855, em um folhetim traduzido do francês (a expressão existe em muitas línguas: “*je ne suis pas né d'hier*”, “*io non sono nato ieri*” etc.), no qual um personagem responde à objeção de que certa trama não se trata de fraude:

Perdoe-me, trata-se de tudo. Não nasci hontem... (“Diario de Pernambuco”, 04-01-1855)

O

Ossos do ofício

O ideal é que o trabalho seja um espaço de realização, agradável e gratificante. Em todo caso, sempre haverá alguns dissabores e disfunções: os ossos do ofício. A expressão aparece na BN já em 1857 no jornal “A Patria” (RJ, 13-12):

Sei bem que o patrão da *Patria* vae soffrer algumas censuras por me permitir escrever estas linhas; mas tenha paciencia: são ossos do officio...



“Sport Ilustrado”, (RJ, 25-07-1946)

P

Pega para capar

Surge na BN na década de 1900-1910. A primeira aparição é em um enigmático anúncio no “Jornal do Brasil” (RJ, 27-12-1904):

BURACA

511

Para hoje:
Péga... péga para capar.
S. Domingos, 26-904.

A convocação cifrada – feita por este suspeito anúncio – pode ser para o “Jogo da Buraca”, um jogo do bicho particular, restrito a uma pequena comunidade de bairro

(“A Notícia”, RJ, 01-02-1898). Ou, talvez, ao homônimo “Jogo da Buraca”, praticado por turmas de moleques valentões no qual ganhava o dinheiro quem, arremessando suas moedas, as embocasse em um buraco feito na terra ou mais se aproximasse dele (“Kosmos” RJ, outubro de 1905). O jogo, que quase sempre acabava em pancadaria, era reprimido pela polícia, razão pela qual a publicação aparecia de modo difuso.

(vai) Plantar batatas & Cia.

Uma versão errônea e muito difundida da origem dessa construção linguística é:

A expressão apareceu em Portugal, na segunda metade do século XIX. Ser operário numa fábrica era trabalho digno, moderno, motivo de orgulho para o trabalhador. A agricultura era tida como atividade secundária, braçal, para gente desqualificada, pouco inteligente. Dessa forma, mandar alguém plantar batatas era expedir o ofendido para o campo a fim de cuidar de trabalhos rudimentares.
(<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/qual-e-origem-das-expressoes-2.html>. Acesso em 20-11-2020)

Na verdade, a expressão já aparece bem antes na BN, em 1833, numa invectiva política:

... por carencia de bom senso, prudencia e zelo pela causa publica, naquelles que há muito os devião já ter mandado plantar batatas.
(“O Sete D’Abril” RJ, 09-04-1833)

Deonísio da Silva, cujas interpretações tivemos que corrigir muitas vezes (cf. p. ex.: <http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf>), compartilha da conjectura acima citada (do G1) e complementa com sua habitual certeza:

Frequentemente, porém, apelamos à agricultura para esgrachar o próximo, de que é exemplo a famosa condenação vá plantar batatas! A origem desta frase é portuguesa. Antigamente, em Portugal, país mais voltado às navegações e à pesca, a agricultura, conquanto fornecedora de alimentos básicos, era vítima de certo desdém. Algumas de suas culturas eram ainda mais depreciadas, como era o caso da batata, que demorou a entrar para a culinária portuguesa e brasileira. Era tida como alimento vulgar e quem se dedicasse a plantar batatas estava se sujeitando a uma atividade desqualificada. A expressão aparece registrada em “O povo português”, obra do famoso poeta, folclorista e político lusitano Teófilo Braga, ao comentar a decadência das pequenas indústrias, ocasião em que trabalhadores qualificados, de repente sem emprego, foram aconselhados a plantar batatas.
(<https://arquivoteca.wordpress.com/2007/08/23/a-famosa-condenacao-%E2%80%94-va-plantar-batatas/>)

O etimologista não reparou em um ponto decisivo contido na expressão, que – mais do que um suposto desdém pelo cultivo de batatas e pela agricultura (a era das grandes navegações portuguesas terminara em meados do séc. XVI!) – inclui um elemento chave para uma interpretação muito mais plausível: seu caráter **chulo**. Aspecto ressaltado pelo próprio Teófilo Braga (precisamente no parágrafo evocado

por Deonísio): “tiveram de ir trabalhar nos campos, ou, como se diz na locução **chula** [grifo nosso]: ‘*foram plantar batatas*’” (“O Povo Português”, disponível em: <https://books.openedition.org/etnograficapress/4075>).

E é que especificamente a plantação de batatas abre brecha para uma associação maliciosa. A batata dá e se planta no chão (em francês: *pomme de terre*). E, de acordo com os usos da expressão na revista pornográfica carioca “O Rio-Nú”, da virada do século XIX para o XX, a locução é usada maliciosamente como eufemismo – sugerido pela postura de quem planta o tubérculo.



<https://www.istockphoto.com/br/foto/velha-senhora-agricultor-plantar-batatas-gm995771798-269508954>.
Acesso em 20-11-2020

Assim, lemos na linguagem de duplo sentido de “O Rio-Nú”, na debochada coluna “Noções de Agricultura”:

Acostumado a plantar batatas e mestre na melhor maneira de enterrar um pepino [...venho] hoje ensinar ao Zé Povo alguma coisa de agricultura. (17-05-1905).

E num “anúncio” de venda de terreno:

(...é um terreno) onde qualquer pessoa pode plantar batatas. É próximo a fazenda do “Pau Tezo”. Tratar no armazém do Rego Aberto. (26-10-1907)

Catar coquinhos. Suposição análoga pode-se fazer para a expressão “vai catar coquinho”, pois o coquinho do jerivá que cai no chão requer que a pessoa se abaixe para apanhá-lo. E, claro, para a expressão “pegar o sabonete”, cuja primeira aparição na BN (de dezenas com este sentido “estendido”), dá-se em “O Pasquim”, em 4-3-1982, na fala áspera de Angela Rô Rô: “Todo mundo se fudendo e querendo “levar vantagem em tudo” (...) Então ninguém tem coragem de se arriar para pegar o sabonete”.

Vai se lixar e Tirar um sarro. Também em interpretação maliciosa, “vai se lixar” e “tirar um sarro” aludem respectivamente ao “ir e vir” da lixa e da escova que limpa o cachimbo... “Vá se lixar” também já aparece em *O Rio-Nú*, na resposta insolente que a criada dá ante a reclamação da filha do patrão (a água trazida para lavar o rosto veio com aranhas dentro):

“- Ora, vá se lixar! Porventura quer que, com o magro ordenado de vinte mil réis que seu pai me paga, eu lhe ponha na água um crocodilo?” (20-05-1905).

Podre de rico

Como ensina o Aurélio, “podre de” significa “em alto grau, muitíssimo (podre de rico, podre de chique, podre de cansado)”, retendo apenas o caráter intensivo do estado de podridão. A expressão “podre de rico” (com a expressiva explosão sonora da bilabial p) já aparece muito cedo e é usada continuamente até hoje. Na BN, a primeira ocorrência dá-se em 1834, em “O Carapuço” (15-03-1834): “hum ministro muito ladrão (...) veio pobrissimo para o logar, e está pôdre de rico”.

A expressão correspondente em inglês é também curiosa: *stinking rich*, fedorentamente rico. “Podre de chic” já aparece em 1888 em “Os Maias” de Eça de Queiroz: “Este teu avô, menino, é podre de chic!”

Ponta do iceberg

Não só a formulação, mas também a frequência de uso de expressões dependem de fatores sociais – óbvios, em alguns casos; imponderáveis, em outros. Por exemplo, na BN na década de 70, o “Jornal do Brasil” empregou 1186 vezes a palavra “resgatar”; na década de 80, 4148. Não é que tenham aumentado os sequestros ou os penhores de jóias, mas simplesmente “resgatar” passou a ser usado em sentido estendido, aplicado também por exemplo à “velha grandeza de determinado time de futebol”, às “raízes culturais”, à “culinária tradicional” etc. Do mesmo modo, o “Correio Braziliense”, na década de 70, qualificava de “imperdível” (um bar, um disco, um filme, um restaurante etc.) somente 27 substantivos; na década seguinte, 641 e, de 2000 a 2009, 16152!

Apesar de “ponta do iceberg” ser uma metáfora muito útil e feliz – e apesar da imensa repercussão da notícia do afundamento do Titanic em 10 de abril de 1912 –, curiosamente a expressão só aparece por primeira vez na BN em 1924:

E foi pela quilha, segundo consta das ultimas averiguações feitas, que se quebrou o grande navio [O Titanic], chocando-se contra a ponta de um *iceberg* (“Beija-Flor”, Petrópolis, 01-10-1924).

Tal como nos anos 20, também as décadas de 30 e 40 registram apenas uma incidência cada; zero na década de 50. Reaparece, timidamente, em 5 páginas na década de 60; tem mais de 100 incidências nos anos 70 e, só a partir da década de 80, a metáfora passa a ser muitíssimo empregada, com mais de 500 ocorrências em cada uma das décadas finais do século XX. Modas de linguagem na imprensa.

Puxa-saco (“pegar na chaleira”)

Antes de “puxar o saco”, a gíria para bajular foi, durante muito tempo, “pegar na chaleira”, expressão em desuso e que, por isso, requer que a examinemos mais detidamente. É muito corrente a afirmação de que essa gíria esteve, em suas origens, muito ligada aos aduladores que cercavam o senador gaúcho, o temido caudilho Pinheiro Machado e disputavam o privilégio de servi-lo prontamente com bebida quente:

Suas reuniões políticas em seu palacete no Morro da Graça, no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, eram muito concorridas.

Casado com dona Benedita Brazilina, a Dona Nha-Nhã, filha do fazendeiro paulista Antônio Augusto Araújo Moniz, ambos recebiam seus convidados com maestria.

Como a casa era muito frequentada por deputados, senadores, empresários, juizes, interessados em cargos públicos, etc., ficou

conhecida a expressão “Pega na chaleira” e “No bico da chaleira”, significando os bajuladores mais afoitos que pegavam em qualquer lugar da chaleira para servir o chá e o chimarrão do senador, tentando agradá-lo.

Foi questão de tempo para virar tema musical, como a polca “No Bico da Chaleira”, de Costa Júnior (Juca Storoni), sucesso no carnaval de 1909:

Iaiá [por Nha-Nhã] me deixe subir essa ladeira [do Morro da Graça],
Que eu sou do grupo do pega na chaleira.
(Mencari, 2019)

E a canção continua:

Yayá me deixa subir de vagarinho,
Eu sou do grupo, mas não pégo no biquinho.
 (“O Cachoeirano” ES, 13-02-1910)

O primeiro registro da expressão é na cançoneta “Gargalhada”, datada provavelmente de 1906, que vai descrevendo a ilimitada expansão da “prática”:

Neste século de progresso, nesta terra interesseira,
Tem feito grande sucesso o tal pega na chaleira.
(cf. Palombini, 2011)

A gíria recebe enorme difusão a partir de 1909, que vem com a “certidão de batismo” em “A Notícia” (RJ, 17-03-1909), trazendo uma alusão ao “chefe dos congressistas”:



Essa gíria alastrou-se por todo o país com incrível velocidade: no mesmo ano de 1909 surge no Rio até um jornal chamado precisamente “O Pega na Chaleira”, esforçando-se, uma e outra vez, em esclarecer que seu nome nada tinha de alusões obscenas, mas que era simplesmente a nova expressão criada para “engrossamento” (que, na época, significava também adulação).

Ainda em 1909 “O Malho”, dedica uma página inteira a caricaturas ilustrativas, explicando o novo sentido de “pegar na chaleira”:



“O Malho” RJ, 13-03-1909

A expressão “puxar o saco” também vem de um gesto de bajulação (aliás, o latim *bajulare* é, literalmente, levar uma carga): do soldado – ou qualquer adulator – que carrega a mochila ou saco de apetrechos do superior. Tal como “pegar na chaleira”, alastrou-se rapidamente pelo Brasil afora, graças à genial marchinha do carnaval de 1946: “O cordão dos puxa-saco”, de Eratóstenes Frazão e Roberto Martins, que começa com expressa menção à “Yayá me deixa”:

Iaiá me deixe subir essa ladeira,
 Eu sou do bloco, mas não pego na chaleira (bis)
 Lá vem o cordão dos puxa-saco,
 Dando vivas aos seus maiorais,
 Quem está na frente é passado pra trás,
 E o cordão dos puxa-saco,
 Cada vez aumenta mais.
 Vossa Excelência, Vossa Eminência,
 Quanta reverência, nos cordões eleitorais,
 Mas se o “doutor” cai do galho e vai ao chão,
 A turma toda “evolui” de opinião,

Q

Quebrar o Tabu

Mais uma expressão que surgiu ligada ao futebol, muito antes do mais famoso tabu: o de 11 anos sem vitória do Corinthians sobre o Santos de Pelé, no campeonato

paulista: de 1957 a 1968! Aparece na BN já em 1937, quando se prevê que o São Paulo F. C., ao enfrentar o Juventus (em má fase) poderá quebrar o “tabu” do “nada além de um” gol por partida e “obter uma vantagem mais compensadora” (“Correio Paulistano”, 03-09-1937). A partir daí, verificam-se os mais variados tabus no futebol, especialmente o de um time não conseguir vencer outro em uma sucessão (cada vez menor...) de jogos

R

Rabo entre as pernas / burros n’água / viola no saco // mão na frente, outra atrás

As três primeiras expressões de frustração são antigas e têm juntas (!) sua primeira ocorrência na BN poucos dias depois do Grito do Ipiranga. Um estudante brasileiro de Coimbra escreve para o “Correio do Rio de Janeiro” (em julho de 1822, mas a carta é publicada na edição de 21-09-1822), falando do rancor de Lisboa para com o príncipe D. Pedro e ao Brasil e do imperativo de “reconquistallo”...

... Porem coitados derão [deram] com os burros n’agoa, e já vão coomeçando a metter o rabo entre as pernas, ou a viola no sacco...

Esta última expressão aparece na BN em 1919, em “Jeca-Tatú” (RJ, 14-06-1919), nos versos queixosos de “João Tatú”:

Botaram-me daqui como peteca
Com uma mão na frente e a outra atrás

Rabo preso



“Impossível: rabo preso em todo lugar” (“Diario da Noite”, RJ 29-03-1941)

Aparece na BN já em 1879, em uma carta satírica, debochada, na qual o pândego “Dr. Caguinchas Bazofius”, confessa suas falcatruas e as de seus comparsas e os conclama a uma confissão:

(...) *paguem e não bufem*, comquanto tenhamos todos *o rabo preso nas ratoeiras*, como em tempo poderão provar e darem até com nossos ossos no xilindró (...). (“O Espírito Santense”, 23-11-1879)

É interessante observar que se hoje dizemos que Fulano tem (/não tem) o “rabo preso” sem mais, até bem avançado o século XX, a expressão “rabo preso” sempre vinha acompanhada de um complemento, o elemento comprometedor: na ratoeira (na maioria das vezes), nas gavetas ou arquivos (de algum gabinete), nos cofres de algum órgão público etc.

Rainha do lar

“Rainha do lar”, desde 1877, é expressão muito frequente na BN para enaltecer a mãe e esposa dedicada, encerrada em casa para cuidar do marido e filhos, seu suposto “régio poder”:

[a mulher] domina o mundo e constituindo-se pelos seus dotes, suas perfeições e suas virtudes a rainha do lar, onde ella só governa absolutamente, faz dos homens seus subditos.
(“O Cherubim – dedicado ao bello sexo” RJ, 20-09-1885)

Se hoje, e já bem antes do início deste milênio, a expressão “rainha do lar” foi totalmente banida de nosso vocabulário (exceto para lamentar antigos grilhões ideológicos), ainda em 1956 era exaltada na canção “Mamãe”, de David Nasser e Herivelto Martins, que se tornou conhecida na voz de Ângela Maria:

Ela é a dona de tudo
Ela é a rainha do lar
Ela vale mais para mim
Que o céu, que a terra, que o mar

Ela é a palavra mais linda
Que um dia o poeta escreveu
Ela é o tesouro que o pobre
Das mãos do Senhor recebeu

Mamãe, mamãe, mamãe
Tu és a razão dos meus dias
Tu és feita de amor e de esperança
Ai, ai, ai, mamãe
Eu cresci, o caminho perdi
Volto a ti e me sinto criança

Mamãe, mamãe, mamãe
Eu te lembro o chinelo na mão
O avental todo sujo de ovo
Se eu pudesse
Eu queria, outra vez, mamãe
Começar tudo, tudo de novo

S

Sacanagem

Registramos este verbete pelo interesse em relacionar a correlação entre pudores de época/veículo de mídia e frequência de uso. Houaiss ensina que a palavra é do século XX. Aparece pouquíssimo na BN nas primeiras décadas (1 incidência na década de 10; 1 na de 20; 6, na de 30; 0, na de 40; 5, na de 50), no sentido que tem também atualmente de bandalheira e transgressão de regras.

Essa tímida dúzia de aparições em 60 anos é superada incomensuravelmente, a partir da década de 60; somente “O Pasquim” (publicado de 1969 a 1991) a emprega 640 vezes; e mesmo órgãos “sérios” como “Jornal do Brasil”, “O Fluminense”, “Tribuna da Imprensa” etc. somarão bem mais de 1000 vezes a utilização dessa palavra, a partir da década de 60! Pelo menos no caso do “Pasquim” trata-se claramente de opção por linguagem desabrida, de indignação contra o regime militar. A partir da década de 80, surge também a expressão “estar de sacanagem” (“Jornal dos Sports” RJ, 5-11-1987).

Saia justa

“Saia justa”, em sentido literal, aparece na BN desde 29-12-1868 (“Diário do Rio de Janeiro”). Procurar na BN “saia justa” em sentido metafórico, de embaraço, constrangimento, não é tarefa fácil (não se pode diretamente isolar o sentido estendido do literal, muito frequente). Em todo caso, na década de 90, a metáfora já é corrente na BN e parece que foi na coluna de Nelbe de Souza Chateaubriand que se deu sua primeira aparição:

... Felipe Camargo causou a maior saia justa no Sambódromo, em briga cinematográfica com José Joaquim Salles
 (“Diário de Pernambuco” RJ, 18-02-1989)

“Justa”, no caso, como fica evidente com as irmãs Kardashian, indica a estrita medida, sem folga, o exato, no limite do que é apertado: a rigorosa justeza.

Desde 2002, a GNT exibe um de seus programas de maior audiência: o “Saia Justa”.



Programa “Saia Justa”: outubro de 2020, em novo cenário de pandemia

Sair do armário

Sobre a origem da expressão, copiamos de Glauco Lessa:

Os brasileiros literalmente traduziram a gíria dos EUA: “come out of the closet”. Esta, por sua vez, provavelmente foi criada a partir de outras duas expressões da língua inglesa. Nos séculos 19 e 20, “come out” (“sair” ou “se revelar”) era o verbo usado quando as debutantes se apresentavam à sociedade, em grandes festas, para atrair possíveis maridos. Era como se as meninas agora “se revelassem” adultas. Já a expressão “skeletons in the closet” (“esqueletos no armário”) sempre foi sinônimo de segredo vergonhoso. No caso dos gays, devido ao preconceito, esse segredo era sua orientação sexual. Então, “come out of the closet” virou uma boa metáfora para homossexuais enfim se apresentando ao mundo e mostrando que não tinham nada a esconder. (<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-a-expressao-sair-do-armario/>. Acesso em 20-11-2020)

Quanto à datação entre nós, embora a expressão já fosse um pouco usada em outros campos, a primeira aparição na BN, no sentido específico de assumir homossexualidade, dá-se somente em 20 de março de 1988, quando o “Jornal do Brasil” publica “Um decálogo para ‘sair do armário’”.

(vai dar) Samba

“Vai dar samba” aparece na BN em 1963, a propósito do lançamento da nova cédula de 5000 cruzeiros, o problemático “cincão medonho”:

Mas, não tenham dúvida, a nota vai dar samba. E sobretudo incentivará a indústria da falsificação. (“O Jornal” RJ, 24-03-1963)

(o) Seguro morreu de velho

Provérbio muito usado, aparece na BN já em 1844, como título de uma notícia que dava conta que presidentes de província recusaram mirabolantes promessas do governo, preferindo assegurar-se em suas próprias províncias (“O Brasil – Vestra res agitur” RJ, 27-07-1844). Sérgio Rodrigues relata que, em seu “Sobre Palavras”, que mantém no site da revista “Veja”, recebeu várias consultas sobre o “obscuro” sentido desse ditado (<https://3gbconsulting.com.br/blog/item/348-o-seguro-morreu-de-velho-o-que-significa-essa-frase>). E é que, atualmente, a expressão presta-se a confusões, por parte daqueles que pensam seguro, na expressão, como substantivo (o das seguradoras) em vez de considerá-lo como o que é: adjetivo substantivado, como se fosse um gênero neutro do latim – as coisas asseguradas, a situação protegida.

Senta que o leão é manso!

Tal como “Nós quem, cara pálida?” e “amigo da onça” (ver verbete), “senta que o leão é manso” é expressão originada em uma piada, que corria na década de 60 e hoje está esquecida, bem como seu desfecho, que é a sentença contemplada neste verbete.

Proferida pelo protagonista da piada, ela expressa uma situação de falseamento da verdade, por interesse próprio, numa grave situação de perigo:

Um sujeito vai ao circo no interior, a platéia está lotada. Ele só consegue um lugarzinho na última fila da arquibancada. Se senta e dá uma ajeitadinha no saco, bem no meio de duas tábuas vergadas. Alguns minutos depois, um leão escapa da jaula. O público se levanta em pânico. E o sujeito grita gemendo de dor: “- Senta, que o leão é manso!”

(adapt. de <https://piadas.biz>. Acesso em 23-11-2020)

Apesar de expressar de modo muito engenhoso uma situação complexa, a piada desapareceu e a sentença, com sua origem esquecida, foi usada intensamente apenas na década de 70: 385 aparições, desde a sua primeira aparição na BN (“Jornal do Brasil” RJ, 01-01-1970) para anunciar o show do mesmo nome do humorista Juca Chaves de enorme sucesso.

Em uma de suas últimas aparições (“Jornal do Brasil”, 22-2-80), até a Receita Federal aludiu à “mansidão” do Leão (para os bons pagadores...)



Depois disso, contam-se nos dedos a aparição da expressão na década de 80: uma em “O Pasquim” em 1982; e duas em 1988 no “Alto Madeira” (Porto Velho).

Show de bola

A expressão surge na BN em 1951, naturalmente em uma partida memorável. Aproveitando o prestígio do futebol brasileiro, na esteira da Copa do Mundo de 1950, o Flamengo excursiona pela Suécia (3ª. colocada no Mundial, tendo perdido por 7 x 1 para o Brasil no quadrangular final) e é recebido com entusiasmo e todas as honras, como se pode ver em um documentário feito naquela época pelos anfitriões: (<https://www.youtube.com/watch?v=oUU5EKZEps0> - acesso em 22-8-2020). Após uma estreia decepcionante, o Flamengo massacra o AIK em Estocolmo por 6x1 e a imprensa celebra com a expressão usual daquela época: “um autêntico baile”. O jornal “Imprensa Popular” (RJ, 22-05-1951) vai além:

Assegurada a vitória, já na primeira fase, puderam, ao fim desta e durante toda a segunda, quando avantajaram o placard, dar um verdadeiro baile. Um show de bola. Calorosos aplausos assinalavam uma finta mais espetacular, um passe matematico, uma jogada mais classica...

A expressão caiu no gosto da imprensa a ponto de, nessa mesma década, ser usada centenas de vezes e, claro, também ultrapassando as fronteiras do mundo do futebol (“os liquidificadores Walita dão show de bola nos adversários” etc.)

(estar em uma) Sinuca (/de bico)

A própria palavra “sinuca” é datada do século XX (Houaiss), anteriormente sendo usada somente *snooker*. “Estar em sinuca” aparece na BN em 1935, em versos satíricos alusivos a algum político:

(...) Certa vez foi ao Tijuca
E fez alli sensação
Deixou todos em “sinuca”
Pois comeu todo o feijão (...)
 (“Jornal dos Sports”, RJ, 20-08-1935)

Em 1937, um jornal maranhense, como em um dicionário, explica ao leitor:

Sinuca – Temo da giria carioca que indica estar o individuo num aperto tremendo, num becco sem sahida (...)
 (“O Imparcial”, 14-10-1937)

Contemporânea, aparece em 1936 – e logo passa a ser muito usada – é a forma intensiva “sinuca de bico”, referindo-se a situações geralmente mais complicadas do que a simples sinuca. De fato, se esta envolve apenas a posição das bolas (dificultando o acesso da “bola da vez”), a sinuca de bico é caracterizada pela proximidade de uma delas com a caçapa (que fica entre dois bicos da mesa), o que limita o ângulo da tacada e aumenta o risco de erro na jogada. Essa situação de difícil saída caiu muito bem como metáfora para outros contextos de desafio. O jornal “O Radical” (RJ, 22-5-1936) destaca em manchete a difícil situação de um vereador, objeto de graves acusações: “O Sr. Penido em ‘sinuca’ de bico na Camara Municipal”.

Soltar a franga

Mestre incomparável de tiradas e do sarcasmo, o saudoso Clodovil criou – e registrou como sua – essa expressão, em entrevista á revista Manchete (05-07-1980): “Clodovil – chegou a hora de soltar a franga”.

Como ele mesmo diz [Clodovil, a propósito do sucesso de seu espaço no programa da Rede Globo: “TV Mulher”], esta é a hora de soltar a franga, expressão inventada por Clodovil e que corresponde a algo como criticar – a seu jeito – o comportamento humano.

A partir do “TV Mulher”, a expressão passou a significar romper amarras, desinibir-se, “liberar geral”.

T

(ganhar no) Tapetão

Como tantas outras expressões que estamos analisando, também o cinquentão “tapetão”, em sua primeira aparição na BN, surge entre aspas e mais: com uma explicação de seu sentido, hoje esquecida por muitos usuários do termo:

No Rio, o Maracanã é conhecido por “tapete verde”. Mas o auditório da CBD [Confederação Brasileira de Desportos, precursora da CBF], onde há julgamentos [da justiça desportiva], é conhecida por “tapetão”. E no “tapetão” o Corinthians começou goleando... (“Diário da Noite” SP, 12-12-1970)

Taxista

Neologismo que se impôs tardiamente. Ainda em 1978, “traduzindo” a declaração de um repórter catarinense que falava de “um taxista”, a revista “Manchete” (RJ, 4-03-1978) tem de esclarecer a seus leitores que “em Joinville, taxista é motorista de táxi”. No acervo do Estadão, a primeira incidência de “taxista” é em 1-1-1976 e a palavra só volta a aparecer nesse jornal em 1984 e só passa a ser amplamente usada a partir de 2000. Antes usava-se “motorista de táxi” ou, mais antigamente, “chofer [ou chauffeur] de praça”, como nos títulos da divertida canção de 1950 de Luiz Gonzaga ou no do filme de 1958 de Mazzaropi. O Estadão usou “chauffeur” como sinônimo de motorista (cada vez menos, é claro) até 2015 (e a partir de 1941, na forma aportuguesada “chofer”). E, em pleno 2020, ao anunciar o auxílio emergencial para a pandemia, o ministro Paulo Guedes, exemplificando com o penoso caso de autônomos (como taxistas) declarou: “O povo sai da rua? Não tem mais ninguém tomando táxi? O chofer de táxi pode passar na Caixa Econômica Federal [e receber o auxílio]” (Estadão, 19-03-2020)



Muito antigamente, para dar partida nos carros era necessário um processo de aquecimento (aquecer = *chauffer*), girando uma manivela...
<https://reedbrothersdodgehistory.wordpress.com/2018/03/07/early-car-starters-how-did-old-cars-start/>

Outro anacronismo dos carros – este persiste até hoje – é o nome do acessório “porta-luvas”, em nossa época, na qual ninguém mais sequer usa luvas...

(em) Time que está ganhando...

Um dos mais recorrentes adágios do futebol teve sua primeira versão – ainda não em forma proverbial – em 1954, sua única aparição na década! Em Carta Aberta a Zezé Moreira, técnico da seleção que iria à Copa do Mundo da Suíça, os redatores

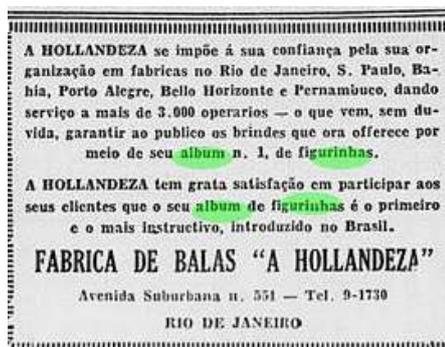
esportivos do jornal, criticavam duramente o treinador e indagavam em diálogo com declarações do próprio Zezé:

Será que Pinga é medroso? Então mande-o para casa e chame outro. Qual a alegação então que V. Pode apresentar? Não se alterar um time que está ganhando? Não procede etc.
("Gazeta de Notícias" RJ, 19-03-1954)

Só a partir de 1960 é que se consolidam as formulações: "Em time que está ganhando, não se mexe" e "Não se mexe em time que está ganhando" e nas décadas seguintes vai se incorporando cada vez mais aos chavões do futebol.

Trocar figurinhas

O "boom" dos álbuns de figurinhas dá-se em 1934, com o enorme sucesso de uma genial jogada de marketing das Balas Holandesas: a embalagem da bala era uma figurinha!



"Diario de Noticias" RJ, 18-12-1934



Promeiro álbum da Holandesa

A estratégia de vendas logo foi copiada por outras marcas como o Chocolate Tarzan e o cigarro Capacetes de Aço (álbum da revolução de 1932!):



"Correio Paulistano", 25-12-1935

Já no final da década de 40, surge a expressão “trocando figurinhas”, inicialmente como pejorativa gíria turfística, indicando displicência de cavalos na corrida:

Em pareo que teve características de autentica moleza, Rondel reapareceu ganhando. Seus adversários ficaram atrás “trocando figurinhas”...
 (“Jornal de Notícias” SP, 24-10-1948).

Em 1974 aparece, por primeira vez na BN, o sentido de “trocar figurinhas”, que veio para ficar: trocar impressões, trocar ideias etc. Falando do entrosamento entre técnico e equipe, o entrevistador comenta com Miguel, jogador do Vasco da Gama:

E o Travaglini [Mário Travaglini, técnico do Vasco, campeão brasileiro de 1974] fica trocando essas figurinhas de otimismo com vocês.
 (“Jornal dos Sports” RJ, 17-12-1974).

Trocar seis por meia dúzia

Desde 1967, (Diário do Paraná, 11-02-1967), a expressão é usada na BN, naturalmente em seu sentido usual de expressão de equivalência.

Porém, nem sempre é exatamente a mesma coisa trocar “seis” por “meia dúzia”. Em certos contextos, pode haver alguma sutileza semântica. Como, por exemplo, quando se diz: “- Não é por causa de *meia dúzia* de cafajestes que vamos proibir o torcedor de ir ao estádio”, a formulação “equivalente” seria: “- Não é por causa de *três ou quatro* cafajestes que vamos...”: Embora ambas as sentenças indiquem uma quantidade ínfima, a palavra “seis” na frase poderia dar a idéia de um bando composto exatamente por seis elementos.

(ser) Trouxa

Já registrado em 1904.

Nós também fomos á *exposição*, que não somos trouxas (“O Rio-Nú” RJ, 14-09-1904)

De qualquer modo, fica a dúvida sobre a associação de ideias sugerida pela metáfora. Podemos supor – sem tanta certeza – que uma trouxa (de roupas, de utensílios etc.), inerme e concebida como um embrulho fechado em si mesmo e atado por um nó na extremidade do invólucro, permite o paralelo com pessoas sem ampla visão, incapazes de considerar o que está fora do seu circuito.

Na versão brasileira da série mundialmente famosa do Harry Potter, o termo original – “muggle” – para identificar a comunidade não-bruxa foi, nos anos 2000, traduzido por “trouxa”, não sem uma ponta de ironia: implicitamente, fica a ideia de que pessoas comuns, como tantos de nós, sem dons especiais, sem magia, apegadas a seu cotidiano, sem olhos para enxergarem além do óbvio ou do mais imediato (como é o caso dos parentes mais próximos de Harry, os Dursleys) são, de fato, uns trouxas.

V

Vamos combinar que / convenhamos / vamos e venhamos

“Vamos combinar que” não significa necessariamente estabelecer uma convenção ou acordo mas, neste milênio, pode ser simplesmente explicitar um ponto pacífico, sobre o qual ninguém pode razoavelmente discordar. Assim, por exemplo, superados os tempos de baixa qualidade da pizza carioca:

... Vamos combinar que aquela pizza de massa borrachuda [hoje] serve apenas como o retrato de uma época – quando pizza boa era só em São Paulo. (“Jornal do Brasil” RJ, 15-06-2001)

Em vez desse nosso jovem “vamos combinar que”, desde que existe Brasil independente empregava-se (e ainda se emprega...) o “convenhamos”. Um exemplo: em 1837, um artigo que advogava pela diminuição da idade para que se pudesse antecipar a maioridade legal de Dom Pedro II (que ocorreria normalmente aos seus 18 anos, em 1843) foi criticado por afirmar, sem citar as fontes históricas, que havia, em outros países, “trinta exemplos de dispensa de idade para Príncipes menores de 16 anos até a idade de 12 incompletos”. E o autor justifica-se em artigo seguinte:

Convenhamos sêr difficil tarefa têr de recorrer a innumeradas chronicas velhas e alfarrabios do tempo Affonsinhos, para fazer acreditar que não envidamos de falso... [mas apresenta, desta vez, dados mais detalhados e melhor fundamentados]. (“O Sete d’Abril” RJ, 03-05-1837)

Fórmula equivalente – e também muito antiga – é “vamos e venhamos”. A primeira aparição na BN é em uma carta de leitor de 1825, que investe contra possíveis indulgências contra insubordinações e “insultos gravíssimos” cometidos por um Brigadeiro ancião:

Vamos, e venhamos, o crime deve merecer atenção; não se diga que é caduquice d’hum pobre velho (...) deve ser punido; para que se conserve o respeito [nas Forças Armadas]; não se deixe ir por agoa abaixo, negocios tão serios. (“Imperio do Brasil – Diario Fluminense” RJ, 03-01-1825)

Nos últimos anos, a expressão tem sido cada vez menos usada e sua derradeira aparição na BN foi em 2016.

Vivinho da silva

Ao longo deste Dicionário temos visto algumas vezes como diversas línguas designam, cada uma com seu modo próprio de expressar, variadas situações humanas. Ante a dúvida de se alguém morreu ou continua vivo temos, desde o século XIX, a deliciosa expressão “vivinho da silva”, cuja primeira aparição na BN é:

Segundo as notícias que recebemos do Rio Madeira, por pessoas dignas de todo o crédito, soubemos que o famigerado assassino Manoel Telesphora Salvatierra está vivinho da silva e bem tranquilo nos seus dominios em Carapanatuba... (“Diario de Perambuco”, 17-12-1887).

A mesma ideia em espanhol é expressa por “vivito e coleando” (vivinho e serpeando); em inglês, “alive and kicking” (vivo e dando chutes); em italiano, “vivo e vegeto” (vivo e vigoroso).

Você, Vossa Mercê, Vosmecê, Vossemecê

Todas essas formas de tratamento, originalmente contrações de ‘Vossa Mercê’ são muito antigas. Na BN, “você” já aparece no “Correio Braziliense” em 1821, transcrevendo uma (suposta) carta do príncipe Dom Pedro a “um seu amigo confidencial”, publicada “nas gazetas de Lisboa”, promovendo intrigas políticas:

Estes são os sentimentos, que sempre tive, como Voce sabe, mas enquanto não se rompesse o véo do Templo os não poderia manifestar tam claramente á Nação. Rio-de-Janeiro 18 de Março de 1821.

“Vossemecê” na BN aparece em 1848, como um tratamento de não muita deferência. Em uma peça literária, publicada em “Iris” (“Rio de Janeiro”, 1848, vol.II), um “brasileiro”, depois de outra gafe, vai saudar a irmã do conde:

Mas não teve limites o seo assombro e desgôsto, quando o brasileiro se-chegou a ella, e lhe-disse:

– Desejo a “vossa mercê” todas as felicidades “- e e Estes são os sentimentos, que sempre tive, como Voce sabe, mas enquanto não se rompesse o véo do Templo os não poderia manifestar tam claramente á Nação. Rio-de-Janeiro 18 de Março de 1821.

Passado o primeiro momento de espanto, sentiu-se abrazada em uma sancta cólera: “– Que mal creado!...”

[O marido tenta atenuar:] “... o brasileiro não o-fez por mal; os negociantes brasileiros tractam-se entre si por vosse-mecê”.

No mesmo texto, mais adiante, um personagem declina de ser tratado pelo mais elevado tratamento de “Vossa Senhora” (“nunca tive senhoria ... , senão um anno que viví no Porto”....).

“Vosmecê” aparece na BN em 1837. Tal como vossemecê, vai caindo em desuso em meados do século XX, cada vez mais relegado a textos literários, a falares afetados ou à caracterização de fala de personagem caipira.



<http://twitpic.com/ccjfsw>

Referências

- Antunes, Camila et al. **Entre Trilhos**. Monografia (graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação da Umesp, São Bernardo do Campo, 2014. Disponível em: <http://www.aeefsj.org.br/site/wp-content/uploads/2016/03/Entre-Trilhos-Livro.pdf> Acesso em 20-5-2021.
- Braga, Teófilo **O Povo Português**. O livro encontra-se disponível em: <https://books.openedition.org/etnograficapress/4075>
- Buarque de Holanda, S., **Raízes do Brasil**, José Olympio Ed., Rio de Janeiro, 24 ed., 1992.
- Cardoso, Miguel E. **A Causa das coisas**, Porto Editora: 2008, 2a. ed. , 2018, e-book.
- Guimarães Rosa, J. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 19ª. ed., 2001.
- Kagame, Alexis **La philosophie Bantu comparée**, Paris, Présence Africaine, 1976
- Marías, Julián **Memorias – Una vida presente I**, Madrid: Alianza, 1989.
- Mencari, Felipe Prado “**São Wenceslau**”: o governo Wenceslau Braz na imprensa de humor (1914-1918). Diss. Mestrado em História Social, UFF: 2019. <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2315.pdf>, Acesso em 20-5-2021.
- Oxford English Dictionary**, Oxford University Press, 2nd. ed., 1989.
- Palombini, C. **Fonograma 108.077**: o lundu de George W. Johnson. Per Musi, Belo Horizonte, n.23, 2011, p.58-70 <https://www.scielo.br/pdf/pm/n23/n23a07.pdf>. Acesso em 20-5-2021.
- Pompeu de Toledo, Robero **A capital da vertigem**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- Prado, Adélia **Poesia reunida**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: 2016.

Recebido para publicação em 07-07-21; aceito em 19-07-21